

**SOBRE OLHAR PARA O PASSADO DAS LÍNGUAS:
UMA REFLEXÃO ACERCA DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA**

Juan Rodrigues da Cruz (UFF)
juanrodrigues@id.uff.br

RESUMO

O trabalho se propõe a apresentar a área da Linguística Histórica (LH), explicando sua história e fundamentação enquanto subárea dos estudos linguísticos, além de seus principais teóricos, percursos e aplicações, desenvolvendo uma reflexão historiográfica. O trabalho, construído a partir de uma revisão de bibliografia, divide-se em quatro grandes seções. Na primeira, apresentaremos o objeto de nosso estudo. Posteriormente, propomos uma síntese da formação histórica da LH, explicitando seus primeiros teóricos. A terceira propõe três perspectivas para o estudo em LH. A quarta e última seção de conteúdo, enfim, abordará o objeto de estudo da LH, a saber, as mudanças linguísticas. Por fim, há uma conclusão, na qual faremos uma reflexão acerca de tudo que foi proposto. Nosso trabalho terá como base Faraco (2006), Saussure (2012), Weedwood (2002) e Gabas Junior (2012), entre outros autores, para constituir uma espécie de breve fonte de informação para despertar interesse na área.

Palavras-chave:

Linguística Histórica. Reflexão historiográfica. Teoria, objetivos e aplicações.

ABSTRACT

This paper intends to briefly present Historical Linguistics (HL), explaining its theoretical background and its position among language and linguistics studies, along with its main theoreticians, applications and subareas, developing historiographical reflection. Built upon a critical literature review, it is divided in four major sections. The first proposes the main object of our analysis. The second shows a brief introduction to HL, showing its main theoreticians and its starting grounds. Progressing some more, we introduce three major perspectives of HL studies: synchrony, diachrony and achrony. Lastly, we analyze the object of HL studies: language change. For an ending, we propose a brief reflection on all that has been proposed. We will base our paper on, among others, Faraco (2006), Saussure (2012), Weedwood (2002) and Gabas Junior (2012), to present a short source of information for those who are interested in HL studies.

Keywords:

Historical Linguistics. Historiographical reflexion. Theory, objectives and applications.

1. *Linguística Histórica: definições iniciais*

A Linguística Histórica (doravante LH) é a subárea da Linguística que se ocupa dos estudos da formação e evolução de um idioma X qual-

quer, incluindo nesse meio as mudanças pelas quais X passou até atingir um determinado momento/estado no tempo, podendo ou não ser o tempo presente. Esses estudos incluem levantamentos sobre a história interna (ou seja, fatores intralinguísticos) e externa (extralinguísticos) de X.

Um exemplo de estudo em LH seria, portanto, qualquer trabalho que se dedique à análise da evolução do latim originalmente falado em Roma, a transposição de tal língua para as colônias romanas através da expansão do Império Romano e, enfim, sua transformação nas demais línguas românicas faladas contemporaneamente e até mesmo nas já mortas. É claro, no entanto, que os estudiosos da área podem fazer esse mesmo tipo de trabalho focado em línguas de outras famílias ou, até mesmo, aquelas que não têm ligação comprovada com outras. Através disso, já podemos, portanto, esclarecer que línguas não são entidades estáticas, imutáveis no tempo e no espaço. Elas mudam, sim, e essa mudança pode se dar de várias formas, como abordaremos mais à frente. Um exemplo clássico dessa mudança é o pronome de tratamento português contemporâneo *você*: *vossa mercê* > *vossemecê* / *vosmecê* > *vancê* > *você* > *ocê/cê*.

Mattos e Silva (2008) propõe duas subdivisões para a LH: uma *stricto* e outra *lato sensu*. A primeira tem como alvo justamente a mudança nas línguas (que abordamos com mais detalhes na seção 4 do artigo), considerando tanto aspectos intra quanto extralinguísticos. Já a segunda subárea tem seu trabalho pautado em dados previamente datados e localizados, ou seja, em um *corpus* previamente definido, envolvendo campos não necessariamente ligados ao estudo das línguas, como teorias do texto, do discurso e da conversação.

Antes de começarmos a nossa análise, é necessário fazermos referência a uma questão relativa à nomenclatura, apresentada por Faraco (2006), com a intenção de evitar quaisquer confusões. Há, conforme o autor, quem confunda a Linguística Histórica com a História da Linguística. No entanto, essas duas áreas são bastante distintas entre si e apesar de terem o mesmo objeto de análise (a manifestação oral da linguagem humana), também têm metodologias, arcabouços teóricos e práticas de trabalho particulares a cada uma, além de subáreas específicas.

2. Contextualização teórico-metodológica

Em outros tempos, já havia sido percebida, por vários estudiosos e curiosos, a semelhança entre várias línguas teoricamente distintas entre si. Já havia, nos mostra Weedwood (2002), até mesmo consciência sobre a diversidade e a multiplicidade das línguas em uso no mundo, algumas que sabia-se que gozavam de relativa antiguidade. Nesse período inicial, a LH ainda não era, no entanto, uma disciplina própria, independente. A contribuição fundamental para que tal situação mudasse, nos mostra Gabas Júnior (2012), partiu do jurista inglês William Jones (1746–1794), o qual propôs um grau de parentesco entre o latim, o grego e o sânscrito, que posteriormente foi comprovado, e ainda apresentou a possibilidade de que essas três línguas teriam tido em algum momento um ancestral comum (o que hoje chamamos proto-indo-europeu²⁴¹). Foi a partir desse momento que começou a haver uma maior produção de estudos em LH e Linguística Comparativa, os quais tiveram como foco inicial as línguas indo-europeias, devido à maior quantidade de registros disponível para consulta.

O caminho proposto por Jones em relação às línguas indo-europeias e a possível relação entre elas foi, posteriormente, seguido por outros pesquisadores, como os dinamarqueses Rasmus Rask (1787–1832) e Karl Verner (1846–1896) e o alemão Jacob Grimm (1785–1863). Rask, no entanto, não é tão conhecido quanto os demais: seu trabalho foi produzido e publicado em dinamarquês, uma língua que até hoje em dia é pouco difundida no âmbito científico, e apenas dois anos após uma obra de Bopp, a qual alcançou maior notoriedade. Não quer dizer, é claro, que Rasmus seja menos importante que os demais. Outros importantes teóricos na área foram Friedrich Schlegel (1772–1829) e Franz Bopp (1791–1867). Ambos alemães, contribuíram para o desenvolvimento da gramática comparativista. Em 1808, Schlegel reforçou a tese de Jones em relação ao possível parentesco entre algumas línguas (que ia além de meras semelhanças lexicais, incluindo até mesmo paralelos entre sistemas gramaticais). Alguns anos depois, em 1816, Bopp publicou *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache* (Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita – em tradução nossa), em que, através da comparação detalhada entre a morfologia dessa língua e a de outras, foi revelado o grau

²⁴¹ Importante mencionar que indo-europeu é a denominação da família/tronco linguístico. Proto-indo-europeu, por outro lado, é a língua específica a partir da qual grande parte das que hoje conhecemos se desenvolveu. Logo, o proto-indo-europeu é uma língua indo-europeia.

parentesco que possuíam. É um trabalho como este que permite que hoje possamos construir “árvores linguísticas” genealógicas, organizando línguas em famílias.

Estava criado, enfim, o método histórico-comparativo. Orlandi (1986) nos mostra que a importância dessa obra é tanta que ela é considerada marco inicial da LH. A importância desses trabalhos é explicitada por Escobar (1974), que afirma que eles permitem projeções sobre o passado, havendo, portanto, o estabelecimento de uma interface entre a linguística e outras disciplinas voltadas à análise histórica das sociedades e do mundo que as cerca. O método também foi útil para demonstrar que comunidades teoricamente diferentes e separadas entre si, bem como suas línguas, em algum momento de sua história foram uma entidade única. Os trabalhos com esse foco foram enriquecidos com os procedimentos de glotocronologia e da reconstrução interna. O primeiro desenvolve estimativas da antiguidade de uma língua qualquer com base em uma lista de palavras, e o segundo permite a reconstrução de um estado anterior de língua, inclusive quando não há testemunho escrito – como o protoindo-europeu, que mencionamos anteriormente.

Faraco nos mostra, apesar disso, uma diferença entre Bopp e Grimm: enquanto o primeiro não tinha pretensão cronológica, o segundo tinha à sua disposição dados sistematizados com base no fator temporal, lhe sendo possível perceber a sucessão histórica dos fatos que queria observar. Houaiss (1991), por fim, propõe que o método usado nas línguas românicas e na reconstituição do proto-indo-europeu apenas ajudou a incentivar outros linguistas, sempre com o desejo de reconstituir línguas faladas em tempos remotos. Essa atividade, nos mostra Botelho (2021), não seria específica do profissional linguista, recaindo mais sobre profissionais do campo da filologia.

O difícil trabalho de reconstituição, nos mostra Magalhães (1995), teve como base princípios de analogia. Ou seja, os linguistas da época precisavam analisar um *corpus* formado por várias línguas que, supunhasse, eram descendentes do proto-indo-europeu. A partir do léxico desses idiomas, foram traçados paralelos, com fins de analisar semelhanças e diferenças entre eles. O exemplo clássico é a palavra “mãe”, que destacamos na Tabela 1. Se, em seis línguas de uma mesma família, notamos semelhanças (como todas as correspondências começarem com *m* seguido de vogal), muito provavelmente, o termo a partir do qual todos os demais se desenvolveram seguiria a mesma regra. O que se comprova quando vemos que *mater* é o correspondente latino para essa palavra.

Aplicando esse mesmo trabalho ao proto-indo-europeu, foi possível sugerir um ancestral comum inclusive a *mater*. Como não há registro escrito dessa língua, dada a sua antiguidade, isso fica somente no campo da teoria²⁴².

Tabela 1: A palavra *mãe* em seis línguas românicas contemporâneas.

Português	Espanhol	Francês	Italiano	Romeno	Catalão
<i>mãe</i>	<i>madre</i>	<i>mère</i>	<i>madre</i>	<i>mamã</i>	<i>mare</i>

Fonte: Elaboração própria.

Esse trabalho, no entanto, era difícil. Não havia, em proto-indo-europeu, por exemplo, termos para se referir a objetos que usamos na contemporaneidade, que não existiam nos tempos remotos em que tal proto-língua era usada, como *internet*, *computador*, *carro*, etc. Porém, nem precisamos ir tão longe assim: em latim, não há correspondentes para *batom* ou *motocicleta*, palavras que surgiram por necessidade, causada pelo progresso tecnológico e científico que vivenciamos ao longo dos últimos séculos.

Com o tempo, os caminhos propostos por Rask, Bopp e Grimm foram se ampliando e sendo aplicados a línguas de outras subfamílias indo-europeias. Um dos maiores destaques, nesse sentido, foi Friedrich Diez (1794–1876), considerado o responsável pelo desenvolvimento da filologia (ou linguística) românica: área voltada ao estudo histórico-comparativo das línguas desenvolvidas a partir do latim. Esse trabalho foi possibilitado, novamente, devido à quantidade de registros em latim disponíveis para consulta.

É relevante destacar, também, os dois perfis profissionais envolvidos em trabalhos em LH: linguistas historicistas e linguistas comparativistas, denominações propostas por Carroll (1973). Linguistas historicistas são responsáveis pela formulação de listas de palavras reconstituídas de uma determinada língua-mãe. Já os comparativistas são responsáveis por tentar reproduzir formas de uma determinada língua com base

²⁴² O leitor, em algum momento, pode encontrar na internet ou em manuais/livros/etc. sobre línguas antigas palavras precedidas por asteriscos. Isso é feito para indicar que tal termo é ou hipotético ou não há registro de que ele tenha sido de fato usado, algo muito frequente no caso do proto-indo-europeu. Deve isso ao alemão August Schleicher (1821–1868), conforme Viaro (2016). Também usa-se asterisco para indicar formas agramaticais, mas isso não é relativo à LH.

nas formas de outra (essa última, mais antiga), além de tentarem mostrar que, através de uma forma existente numa suposta língua-mãe, é possível comprovar a existência de formas existentes em duas outras línguas faladas na contemporaneidade.

2.1. Críticas e reações

Não quer dizer que o método proposto foi amplamente reconhecido. Saussure (2012) menciona alguns erros que, em sua opinião, o envolvem. Um desses recaía sobre a inexatidão dos objetivos das comparações (em outras palavras, o que se esperava atingir?) e o foco mais comparatista do que histórico, do movimento. No século XIX, surgem então os neogramáticos²⁴³, responsáveis por organizar historicamente os resultados obtidos com as comparações realizadas.

Os neogramáticos e suas teorias, nos mostra Dauzat (1947), representam também um momento decisivo para a história das ideias linguísticas, outra subárea dos estudos de língua, uma vez que foi a partir deles que a linguística passou a tomar consciência de si própria e pôde, enfim, pleitear o título de ciência junto a outras áreas, como a biologia e a física. Os alemães Brugmann, Osthoff e August Leskien (1840–1916), três dos membros dessa escola de pensamento, ajudaram a aprofundar e discernir com mais clareza o conceito de lei linguística com o qual a grande maioria dos linguistas à época trabalhava, de uma forma mais ou menos consciente. As críticas dos neogramáticos contra o que tinha sido feito até então resultaram no surgimento de um maior rigor metodológico para a área, além de dar à LH uma direção a seguir.

3. Correntes e perspectivas de estudo e trabalho

Com o passar do tempo, a LH se desenvolveu e, atualmente, pode ser dividida em linguística histórica diacrônica e linguística histórica sincrônica. Nenhuma delas é melhor que a outra, tampouco uma deve ser adotada com predileção sobre a outra, muito pelo contrário: ambas as te-

²⁴³ Escola de pensamento fundada por Hermann Osthoff (1847–1909) e Karl Brugmann (1849–1919) em 1878. Envolveva, principalmente, linguistas associados à Universidade de Leipzig, na Alemanha.

orias se complementam. Por fim, há também espaço para um comentário sobre a acronia.

3.1. Sincronia

A primeira corrente que mencionaremos é a sincronia. Essa área se ocupa dos estudos de uma língua em um momento específico, não se preocupando com mudanças ou estados passados. Como esse momento específico costuma ser o tempo presente ou algum espaço muito próximo a ele (como os 10 anos propostos por Saussure [2012]), não há nos estudos sincrônicos uma preocupação com as mudanças por que uma língua passou, mas sim com sua forma e sua apresentação – ou seja, o foco da linguística sincrônica seria a descrição dos fatos de uma língua com base em seu uso numa determinada comunidade, incluindo aspectos como fonologia e morfologia e suas variantes, conforme Carvalho (1979), estando assim associada a áreas como a dialetologia e a estilística.

A importância da sincronia é tanta que podemos articular a confecção de tratados gramaticais, como os que usamos ao longo da nossa educação formal, com esse pensamento: estudamos a língua que é falada hoje, por nós, não a língua de outrora falada por exemplo por nossos avós. Ou seja, obras intituladas *gramáticas descritivas* se incluem nos estudos de LH mesmo que não tenhamos noção disso e são, basicamente, de cunho sincrônico. Carvalho nos mostra que outra preocupação da linguística sincrônica é com os estudos sobre o bilinguismo, em especial os de interferência linguística, que consistem em erros ou desvios em uma L2 qualquer usada pelo falante, causados pela presença de formas típicas de sua L1, em planos como pronúncia e vocabulário.

3.2. Diacronia

Há também a diacronia. Essa subárea é que, hoje em dia, conveniou-se chamar de linguística histórica. A preocupação diacrônica não é mais o estado atual de uma língua qualquer, mas sim sucessões desses estados, formando uma verdadeira linha do tempo dos fatos linguísticos. O foco aqui, portanto, será justamente a formação de uma língua que se propõe analisar, as influências que ela sofreu ao longo dessa formação e

de sua evolução e a colocação dessa língua num tronco e, posteriormente, numa família, junto ou não de outras.

No entanto, para isso é necessário que todo estado dessa língua que se quer analisar tenha sido extensamente descrito (ou seja, aqui há a comprovação de que sincronia e diacronia se complementam): sem o conhecimento aprofundado de como um sistema linguístico se encontra em um determinado momento, não é possível traçar qualquer observação sobre as mudanças por que essa língua passou. Dessa maneira, todo trabalho que tenha como foco justamente traçar esse panorama histórico de uma língua é de cunho diacrônico. Aqui se encaixam as *gramáticas históricas*, como as que foram produzidas em profusão no Brasil do século XX, algo corroborado por Carvalho.

3.3. Acronia

José Gonçalo de Carvalho também apresenta uma terceira perspectiva, umaacrônica, ou seja, uma em que o fator temporal não é levado em consideração na hora de estudar uma língua ou várias delas. Aqui entram os teorizadores da linguagem, que se ocupam do desenvolvimento de pesquisas na área que se convém chamar *linguística geral* ou *linguística teórica*, cuja finalidade é estabelecer leis universais do funcionamento de um sistema linguístico determinado, após a observação analítica de um elevado número de idiomas distintos entre si. Estas leis não dependem do tempo para ocorrerem, por isso são acrônicas. Mais uma vez, a relação de complementação entre as perspectivas aqui citadas se comprova quando, embasados em Carvalho, percebemos que o trabalho de comparação de línguas permite tanto propor essas leis quanto determinar tipos linguísticos e, com isso, propor a classificação das línguas faladas com base em suas tipologias (e não com base em algum ancestral comum que elas possam ter tido) em momentos distintos da história.

4. O que estuda a LH, afinal?

Agora que temos uma maior noção sobre a fundamentação da LH enquanto disciplina, suas subáreas e já sabemos os principais nomes envolvidos no processo de sistematização de suas teorias, faz-se necessário,

enfim, abordar o seu objeto de estudo, a saber: as mudanças linguísticas. Nesta seção faremos uma breve síntese a respeito das mudanças, suas especificidades e suas bases teóricas. É necessário, primeiramente, lembrar que, como abordamos na introdução do trabalho, as línguas mudam indiferentemente das circunstâncias, ao longo de suas existências, no tempo e no espaço, e não podemos parar esse fenômeno. Nota-se a mudança até mesmo em línguas há muito mortas²⁴⁴. É essa suscetibilidade à mudança, conforme Mario Pei (1949), que difere a linguagem humana da animal.

Alguns deverão se perguntar o porquê de as línguas mudarem. Essa resposta, nos mostra Pei, é tão misteriosa quanto a origem da linguagem – alvo de vários estudos ao longo do tempo – mas alguns contornos dela já nos são mais claros. Por exemplo, considerando que a língua é uma expressão das atividades humanas, à medida que os humanos mudam, as línguas por eles usadas seguem o mesmo caminho. Nesse sentido, destacam-se contextos de contato linguístico: línguas que se mantiveram relativamente isoladas do contato com outras (como o sardo, de uso restrito a um único lugar no mundo) mudam mais lentamente do que aquelas que tiveram contato direto com outras, como o latim que, ao chegar na Península Ibérica, teve influências das línguas nativas faladas na região e, com o passar do tempo, com o árabe, o moçárabe, entre outras.

Nos mostra Chao (1977) que a mudança é indissociável da língua, existindo não só de geração em geração, mas também a partir de cada indivíduo particular, em razão da comunicação entre pessoas. Além disso, essa mudança, conforme Eni Orlandi, não depende da vontade dos usuários, tendo origem em necessidades da própria língua, seguindo um caminho regular – não ocorrendo de modo desordenado e caótico. É justamente essa regularidade que os neogramáticos consideravam para propor leis que explicassem as mudanças nas línguas.

Não se deve confundir mudança com variação linguística. São processos diferentes, ainda que, conforme Chagas (2014), ambas as áreas tenham estreitas relações, de modo que é difícil estudar uma sem a outra. A mudança tem um foco mais histórico e gradual, voltado à evolução de um idioma ao longo de sua existência, tendo dessa maneira um claro viés diacrônico, enquanto a variação tem foco sincrônico e não necessaria-

²⁴⁴ Basta lembrar da periodização do latim, que atualmente não é língua nativa de ninguém, ao longo de sua história: latim antigo > latim clássico > latim medieval > ...

mente se encaixa no rol de estudos em LH, sendo objeto de análise de outras áreas da Linguística, como a Sociolinguística, por indagar como aspectos geográficos, sociais, de gênero dos falantes, entre outros, impactam na língua por eles usada.

A mudança, no entanto, não é um processo rápido. Pelo contrário: é lenta, gradual e progressiva – não ocorre de um dia para o outro. Há várias particularidades nele envolvidas: uma língua X pode passar por esse processo em um curto espaço de tempo, enquanto outra língua Y pode passar mil anos sem qualquer mudança expressiva em seus sistemas. Faraco, no entanto, nos mostra que isso não significa que a língua não muda: todo estado de língua que alguém se propõe a analisar é resultado de uma série de mudanças e evoluções linguísticas. O processo só é parado em um caso extremo: quando uma língua deixa de ser usada por completo.

4.1. A relevância da analogia

O fenômeno da analogia, a que já fizemos menção anteriormente, é de suma importância para os estudos de mudança linguística, visto que contribui, justamente, para o aumento do léxico de uma língua qualquer. Isso nos é apresentado e corroborado por Sturtevant (1942), que propõe alguns exemplos além dos que mencionamos. Entre esses, destacamos o binômio *male x female* (masculino x feminino) do inglês: os termos originais franceses que originaram os correspondentes no inglês (*mâle* e *femelle*) não têm qualquer ligação etimológica, apenas gozando de uma forma gráfica parecida. Quando o inglês os assimilou, o sentido próximo de ambos os termos fez com que *femelle* se tornasse *female*.

Nos mostra Camara Junior (1974) que a analogia se dá por dois processos. Um primeiro, chamado de cruzamento analógico, em que a interferência sobre uma forma por outra(s) forma(s) causa mudança fonológica na primeira. Já o segundo é o processo de criação analógica, no qual o aparecimento de uma forma nova elimina a antiga. Essa criação pode se dar, simplesmente, através da mudança do sufixo de um termo qualquer: *fibulla* > *fibella* > fivela. A analogia também inclui os processos de etimologia popular, ou seja, uma falsa proposta de etimologia de uma palavra qualquer. Joaquim Mattoso Camara Junior inclui esse fenô-

meno como parte dos processos de cruzamento analógico. No português brasileiro contemporâneo, há vários exemplos, como “cesariana”: o termo, na verdade, não tem qualquer ligação com o líder político romano Júlio César, tendo na verdade fundamentação no verbo latino *caedo* (que tem, como uma de suas traduções, “eu corto”, se adequando, logo, à denominação para uma forma de parto de bebês).

4.2. Mudanças fonéticas e fonológicas

Começaremos detalhando brevemente o campo das mudanças que ocorrem com sons. Gabas Júnior nos mostra que, para que essas sejam realizadas, é necessário haver uma variação entre dois ou mais sons, por certo período de tempo. A existência de variantes para uma mesma palavra acaba sendo, nas palavras do autor, antieconômica, e por esse motivo a tendência é que somente uma dessas sobreviva.

Aqui, enquadram-se os metaplasmos, os quais incluem o acréscimo de um fonema (metaplasmo por adição) e a eliminação ou a fusão de fonemas (por supressão). Também há os metaplasmos por transposição: processos como este incluem a mudança na posição de um fonema dentro de uma mesma sílaba e, também, a total transformação de um determinado fonema. Swadesh (1966) mostra que as mudanças fonéticas tendem a ser leves, não alcançando grandes dimensões, tratando-se na maior parte das vezes apenas do fortalecimento ou do enfraquecimento de um som em uma palavra. Fazemos uma breve apresentação desses na Tabela 2.

Tabela 2: Metaplasmos.

<i>Categoria</i>	<i>Fenômenos envolvidos</i>
Adição	Prótese Epêntese Paragoge ²⁴⁵
Supressão	Aférese Síncope Apócope Crase ²⁴⁶

²⁴⁵ Aqui entra também o anaptixe (ou suarabácti).

		Haplologia Elisão (Sinalefa)	
Modificação	Transposição	Metátese Hiperbibasmo ²⁴⁷ (Diástole/Sístole)	Hipértese
	Transformação	Apofonia ²⁴⁸ Assimilação Dissimilação Consonantização Vocalização Nasalização	Desnasalização Monotongação Ditongação Metafonia Palatização Sonorização
		Desvozeamento	

Fonte: Elaboração própria.

4.3. Mudança gramatical

As mudanças gramaticais, como o nome indica, são aquelas que resultam em alterações no sistema gramatical de uma língua qualquer, podendo ser tanto na morfologia quanto na sintaxe. Essas estão, conforme Gabas Júnior, associadas às mudanças semânticas, de certa maneira, mas não são os mesmos fenômenos.

Um caso de mudança gramatical, que o autor nos mostra, é o desaparecimento da flexão nominal latina, a qual ajudava a entender o sentido real das palavras. Com a transformação do latim em português/italiano/espanhol/etc., isso desapareceu, e hoje temos ordens fixas para os locais que as palavras devem ocupar. Se houver uma mudança nessa ordem, uma oração pode ficar incoerente ou ter seu sentido invertido. Exemplo: a oração *Juan escreveu esse artigo que estamos lendo* é totalmente entendível, mas *Esse artigo escreveu que estamos lendo Juan* não haverá compreensão e ficaremos confusos. Mudanças na ordem das palavras também podem amplificar o efeito de uma oração, como ocorre em *Paulo matou a cobra* x *A cobra matou Paulo*. A inversão da ordem de palavras pode também partir da escolha própria do locutor, com objetivos estilísticos, conforme Pezatti (2014).

Outro exemplo de mudança gramatical é o apagamento da expres-

²⁴⁶ Não se refere à questão do uso do acento grave. Ocorre quando uma palavra tem dois fonemas vocálicos idênticos, um após o outro. Por exemplo: *colore* > *coor* > cor.

²⁴⁷ Outra nomenclatura: hiperbalismo.

²⁴⁸ Outra nomenclatura: deflexão.

são do gênero gramatical neutro encontrado no latim e a reorganização dos nomes neutros. Atualmente, não há, propriamente dito, um gênero neutro em português, ainda que certas palavras desenvolvam essa marcação em situações específicas. Também a partir do latim, há o exemplo do quase total apagamento do sistema de casos e declinações, que hoje praticamente não existe nas línguas neolatinas – à exceção do romeno, que mantém cinco dos seis casos latinos, conforme Cruz (2020).

4.4. Mudanças semânticas

Há também mudanças semânticas, específicas ao significado de uma palavra qualquer ao longo do tempo. Não há nenhum modelo estabelecido, linguisticamente, de mudança semântica, mas é possível fazeremos algumas observações nesse sentido. As mudanças semânticas incluem processos de neologia/aparecimento de palavras, obsolescência, contato semântico, isolamento de formas e deslocamento semântico.

Primeiramente, abordaremos a questão dos neologismos. Ela se refere à inserção de uma palavra nova no léxico de uma língua qualquer, causada por fatores como a necessidade de criação de novos termos ou pelo surgimento de novos comportamentos sociais a partir de um nome próprio, esse último muito comum principalmente na política, onde temos a profusão de termos como *lulismo*, *bolsonarismo*, *cirista*: o surgimento de uma corrente política nova pode representar também o aparecimento de novas palavras. Essa visão é corroborada por Whitney (2010), autor o qual afirma que “a palavra tem sua origem numa necessidade que se produz numa determinada época”, em contextos específicos da história humana. Whitney propõe, como outro exemplo, o surgimento de uma nova prática/crença religiosa, que envolve também a necessidade de criação de termos que denominam os oficiais que dela farão parte.

Esses neologismos são mais frequentes com substantivos, dentre todas as classes de palavras. No entanto, há também a questão dos empréstimos linguísticos, entre os quais destacamos os termos de origem indígena que hoje temos no português brasileiro contemporâneo. Almeida e Correia (2014) também apresentam, como parte dos fenômenos de neologia, a questão das onomatopeias (quando usamos palavras para representar sons, tipo *au-au* para indicar o som que o cachorro faz e *crash* para indicar o som de algo que quebrou). Também é o caso anedótico de *baderna*, que hoje em dia indica uma arruaça, uma confusão que ocorre em algum lugar. Esse termo foi cunhado no século XIX após a apresen-

tação da bailarina italiana Maria Baderna no Rio de Janeiro, que exaltou os ânimos da sociedade.

Mario Pei traz um interessante comentário acerca da criação de palavras. O linguista italo-americano apresenta o termo latino *birota ignifero latice incita*, criado no pós-Guerra por necessidade. O Vaticano, à época sob o comando do Papa Pio XII, manifestou seu interesse em patrocinar a categoria profissional dos motociclistas. Como esse termo se refere a algo criado na contemporaneidade, não havia correspondente direto seu em língua latina, havendo então a criação dessa longa denominação, com quatro palavras, para designar uma única entidade. No entanto, a tradução ajuda, basicamente, a entendê-lo melhor: *veículo de duas rodas propulsado por líquido inflamável*.

A criação de palavras novas é um processo oposto ao da obsolescência, que se refere justamente ao desaparecimento de uma determinada forma do léxico, causada pela queda na frequência de seu uso. Não é possível, conforme Gabas Júnior, precisar o momento em que um termo específico deixa de ser usado, o que se nota principalmente em línguas ágrafas. O autor nos traz alguns exemplos desses termos, no português: *alugatório* (inquilino), *clavina* (carabina), *monoquíni* (roupa de banho de uma peça só, uma espécie de maiô), *repostaria* (dependência de palácios e casas nobres) e *tassalho* (fatia grande).

Também se inclui aqui o deslocamento semântico, fenômeno praticamente ilimitado, o qual pode se desdobrar em quatro tipos, conforme a natureza da ocorrência que se pretende analisar. Esses incluem os deslocamentos por extensão, quando um determinado termo, ao longo do tempo, ganha um novo significado. Caso de salário, que antes indicava pagamento com sal, e hoje indica qualquer pagamento a alguém por algum trabalho realizado. Há também os deslocamentos por estreitamento ou restrição, os quais são basicamente o inverso da extensão, e envolvem a restrição nos significados de um determinado termo. Exemplo disso é pílula, que hoje indica apenas um contraceptivo oral, não mais qualquer comprimido para tomar oralmente. Destaca-se também os por uso figurativo, os quais ocorrem quando um termo determinado, através de figuras de linguagem, assume outra conotação. É o caso de *boneca/boneco*, que pode se referir tanto a um indivíduo esteticamente aprazível quanto a um brinquedo. Por fim, há os por desvio, quando um termo determinado continua a existir, mas tem uma mudança significativa no seu campo semântico original. É o caso do termo inglês *artillery* (artilharia – tanques, canhões, armas em geral), que em quase nada se refere ao seu contexto de

uso original, no inglês médio: utensílios e armas de guerra usados no medievo (catapultas, arcos e flechas, escudos, etc.).

Há também questões de contato semântico, que envolvem a apropriação de um novo sentido por um termo a partir de um contexto específico. O autor nos mostra o caso do termo inglês *bead*, que hoje indica uma das contas que compõem um rosário religioso. Em sua origem no inglês antigo (*gebed*), porém, significava oração, reza. A mudança nesse termo ocorreu a partir do costume católico de contar suas orações em rosários, formados justamente por essas contas.

Por fim, há a questão do isolamento de formas. Isso ocorre quando um termo particular de um conjunto de semelhantes assume um significado distinto do original. É o caso do termo latino *tectum*, originalmente uma derivação do prefixo *teg-* (cobrir) e do sufixo *-tum* (usado para formar nomes de verbos). Na passagem do latim arcaico para o clássico, *-tum* acabou caindo em desuso, e *tectum* passou a denominar um significante específico: teto.

5. *Conclusões*

Percebemos como a LH é relevante em meio às demais áreas de estudo linguístico já que, antes mesmo da sistematização da linguística enquanto ciência, já eram realizados trabalhos nessa área. Essa relevância também se reflete no fato de a LH andar de mãos dadas com o surgimento de outras áreas, como a Filologia, e métodos de pesquisa e estudo até hoje usados, com diversas intenções. É a partir da LH que podemos ter ideias acerca de línguas que não mais são faladas atualmente e, até mesmo, das sociedades que as falavam, ampliando mais o nosso conhecimento – e demonstrando, por fim, uma interface entre áreas das ciências humanas que não necessariamente teriam tanta relação entre si. Da mesma maneira, notamos como a LH, mesmo sem que tenhamos noção disso, está presente em nosso dia a dia.

Esperamos que a pesquisa faça surgir o interesse, por parte de novos estudiosos, na área. Nos tempos tecnológicos em que vivemos, os trabalhos em LH podem ser, em muito, facilitados, considerando a facilidade que temos para coletar, sistematizar e analisar dados sobre, basicamente, qualquer área e idioma que seja de nosso interesse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; CORREIA, Margarita. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012. (Série Estratégias de Ensino, 33)

BOTELHO, José Mario. A Diferença Entre Filologia e Linguística e o Trabalho do Filólogo. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 79SUPPL, n. 1, p. 47-58. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO27/79supl/03.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2021.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 4. ed., revista e aumentada. [S.l.]: J. Ozon, 1974.

CARROLL, John Bissell. *O Estudo da Linguagem: Visão geral da Linguística e Disciplinas Afins nos EUA*. Trad. de Vicente Pereira de Souza. Petrópolis: Vozes, 1973. (Coleção Perspectivas Linguísticas, Volume 7)

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de. *Teoria da Linguagem: Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Vol. II. Coimbra: Atlântida Editorial, 1979.

CHAGAS, Paulo. A Mudança Linguística. In: FIORIN, J.L. *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. 3. reimpr. da 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 141-64

CHAO, Yuen Ren. *Língua e Sistemas Simbólicos*. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

CRUZ, Juan Rodrigues da. Romeno e Português: Breve abordagem comparativa. *Revista Philologus*, v. 78 Supl., n. 1, p. 3251-65, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78supl/236.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2021.

DAUZAT, Albert. *La Filosofía del Lenguaje*. Trad. para o espanhol de Vladimira Vendramin. Buenos Aires: Librería y Editorial El Ateneo, 1947.

ESCOBAR, Alberto. Língua, Cultura e Desenvolvimento. In: GRYNER, H.; MONTSERRAT, R. (Orgs). *Língua, Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Brasília, 1974. p. 37-52

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006. (Na Ponta da Língua, Vol. 12)

GABAS JÚNIOR, Nilson. Linguística Histórica. In: BENTES, A.C.;

MUSSALIM, F. (Orgs). *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. V. 1, 9. ed., revista. São Paulo: Cortez, 2012. p. 85-112

HOUAISS, Antonio. *O que é língua?*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, Vol. 239)

MAGALHÃES, Diógenes. *Língua, Linguagem, Linguística...* Rio de Janeiro: Coisa Nossa, 1995.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: Ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008. (Coleção Língua[gem], Volume 30)

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Linguística?* São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, Vol. 184)

PEI, Mario. *The History of Language*. Filadélfia: J. B. Lippincott Company, 1949.

PEZATTI, Erotilde Goretti. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014. (Coleção Língua[gem], Vol. 58)

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bailey e Albert Secheyaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STURTEVANT, Edgard Howard. *Linguistic change: An introduction to the historical study of language*. Reimpr. do original de 1917, com permissão da Universidade de Chicago. Nova Iorque: G. E. Stechert & Co, 1942.

SWADESH, Mauricio. *El Lenguaje y la Vida Humana*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

VIARO, Mário Eduardo. Estudo de idiomas já foi feito por meio das ciências naturais. *Educação*, [S.l], v. 231, ago./2016. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/08/08/tendencia-de-ver-os-idiomas-por-meio-da-ciencia-orientou-pesquisas-linguisticas/>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. (Na Ponta da Língua, Vol. 3)

WHITNEY, William Dwight. *A vida da linguagem*. Trad. de Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.